

Saber Ciência: um espaço para divulgação científica da UFRN ¹

Valquíria Aparecida Passos KNEIPP²

Vanessa Larissa Camilo ARAÚJO³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Este artigo é fruto de um levantamento realizado entre os meses de abril e maio de 2017, com pesquisadores entrevistados no quadro Saber Ciência, da TV Universitária do Rio Grande do Norte. A partir da aplicação de um questionário, procuramos entender como os pesquisadores, que participaram do quadro ao longo de 2016, enxergam a existência de espaços como estes nos meios de comunicação de massa do RN. Autores como Oliveira (2005), Bueno (2009), Andrade (2004) e Carrato (2005) embasaram a construção teórica desta análise. Neste artigo, foi possível observar que o programa Saber Ciência é um espaço diferenciado para divulgação de trabalhos e pesquisas desenvolvidas na UFRN. Além disso, percebemos que o quadro preenche uma lacuna na formação dos estudantes de jornalismo da UFRN e democratiza o acesso à ciência por parte de um público não especializado.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo científico; cidadania; TV educativa; Comunicação.

Divulgação científica e os seus desafios

Grande parte dos investimentos em Ciência e Tecnologia no Brasil - ainda que insuficientes⁴ - são oriundos do setor público⁵, ou seja, tem como fonte a própria sociedade “para quem deve retornar os benefícios resultantes de tais investimentos”

¹ Trabalho apresentado no IJ07 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Orientadora do trabalho. Jornalista graduada pela Unesp de Bauru, com mestrado e doutorado pela Eca/USP em Ciências da Comunicação. Professora da graduação em Comunicação Social na UFRN e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, e-mail: valquiriakneipp@yahoo.com.br

³ Estudante de graduação, 8º semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UFRN, email: vanessacamiloa@gmail.com

⁴ MONTEIRO, Viviane; Investimentos em C&T são indispensáveis para o Brasil. **SBPC**, São Paulo, jan. 2014.

Disponível em: < <http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/desenvolvimentoquebrainvestimentos-em-ct-sao-indispensaveis-para-o-brasil/> > Acesso em: 28 abr. 2017

⁵ Orçamento público de ciência, tecnologia e inovação: investimento do governo do Brasil. Senado, Brasília, nov. 2012. Disponível em: < <http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/inovacao/orcamento-publico-ciencia-tecnologia-e-inovacao-investimento-bilhoes-governo-do-brasil.aspx> > Acesso em: 28 abr. 2017

(OLIVEIRA, 2005, p. 13).

A divulgação do que está sendo produzido após a utilização desses investimentos deve, desta forma, ter o pontapé inicial justamente nos locais que receberam o incentivo, sobretudo a partir de iniciativas da própria comunidade acadêmica, geralmente encontrada nas universidades públicas e nas instituições de pesquisa. Em outras palavras, “os pesquisadores, de modo geral, tem o dever de prestar contas à sociedade sobre as realizações na área, contribuindo para a evolução educacional e cultural da população”(OLIVEIRA, 2005. p.13-14)

Um dos obstáculos para a divulgação científica de forma plena no Brasil está na inexistência do que Bueno (2009) chama de uma “cultura de comunicação”. Os principais centros geradores de produtos científicos do país ainda não perceberam que divulgar, além de ser uma obrigação para com a sociedade que os financia, é uma forma de democratizar o conhecimento, que a partir da divulgação ao público deixa de ser restrito aos pesquisadores.

Ainda que se tenha avançado um pouco nos últimos anos, sobretudo com o trabalho modelar de alguns [...] centros geradores de C&T, como a Embrapa, a Fiocruz, o INPE, a USP, a Unicamp e a Universidade Federal de Santa Catarina e, especialmente, com o exemplo da FAPESP e outras FAPs (Fundações de Amparo à Pesquisa), que produzem e financiam projetos de jornalismo científico, o caminho a trilhar é imenso. (BUENO, 2009, p. 121)

Nesse sentido, a UFRN - assim como os centros geradores de C&T, citados por Bueno (2009) - surge como mais um centro gerador de produção científica e, além disso, como mais um centro de divulgação das produções científicas da universidade, uma vez que possui veículos de comunicação como a TV Universitária e a Rádio Universitária FM.

A posse desses meios é, de certo modo, estratégica, se concordarmos, por exemplo, com a defesa de Oliveira (2005, p. 14) no sentido de que “os meios de comunicação de massa são a principal fonte de informação sobre C&T disponível ao grande público.”

História e cenário do jornalismo científico no Brasil

Foi na Europa, durante o século XV, junto a invenção da imprensa por Johann Gutenberg, que a divulgação científica teve seu início. Para Oliveira (2005, p. 17), foi a partir desta época que a ciência deixou de ser “privilégio de cientistas e pesquisadores presos no laboratório” e passou a se aproximar da realidade social.

“A literatura sobre jornalismo científico na Europa e nos EUA, que é farta, mostra que esta área recebe grande impulso a partir da segunda metade do século XIX” (OLIVEIRA, 2005, p. 20). Na mesma época o Brasil ainda dava os seus primeiros passos rumo a divulgação científica. Isto porque foi apenas com a chegada da corte portuguesa em 1808, isto é, no início do século XIX, que a impressão de livros e jornais deixou de ser proibida.

Dos atuais 517 anos de história do Brasil, “temos, em consequência, 417 anos de repressão e cerceamento da liberdade de expressão”. Aspecto que, ainda de acordo com Oliveira (2005), somado ao tipo de colonização - exploratória - que tivemos, consegue explicar o “atraso científico e tecnológico do país”.

Também concordamos com Oliveira (2005) quando ela conclui que o crescimento do jornalismo científico no Brasil se deu a partir da década de 80 e quando destaca que, apesar de hoje existir “certo volume” de informações disponíveis, “a qualidade pode melhorar”. Três dificuldades enfrentadas pelos profissionais de comunicação interferem diretamente nesta qualidade das produções jornalísticas de ciência:

“O jornalista da área científica esbarra em dificuldades como o difícil acesso às fontes, pois as entidades e a própria comunidade científica, de modo geral, ainda não levam em conta o papel estratégico que a comunicação com o público representa para a sua própria sobrevivência (...) Também faltam ofertas de especialização acadêmica (...) Outro ponto que dificulta a divulgação da ciência brasileira é a forte influência de fontes originárias dos países desenvolvidos no cenário nacional” (OLIVEIRA, 2005, p.40).

Para Bueno (2009) esta relação com fontes externas também surge como um

desafio para o jornalismo científico brasileiro. Além disso, ainda existe a preocupação de que esta divulgação massiva de produções científicas estrangeiras, se aproxime de interesses de ordem comercial, aspecto que contamina a produção e o jornalismo científico brasileiro

A universidade brasileira e os profissionais de jornalismo científico precisam se dar conta dessa realidade, sempre presente, mas que se aprofunda em nossos dias, sobretudo, com a ação da indústria da guerra [...] O jornalismo científico, em todo o mundo, e particularmente o brasileiro, deve, obrigatoriamente, incorporar esta nova missão: identificar as fontes [...] buscando preservar, a todo custo, o interesse dos cidadãos. O jornalista científico, comprometido com o seu tempo, deve estar disposto e capacitado a enxergar além da notícia. (BUENO, 2009, p. 122)

Desta forma, uma missão presente no jornalismo científico brasileiro atual é, em um primeiro momento, a busca pelo equilíbrio na divulgação das informações e, como consequência, uma procura maior pelas produções locais “para que a sociedade brasileira conheça o que está sendo realizado no país” (OLIVEIRA, 2005, p. 41)

Um jornalismo científico de qualidade e equilibrado torna-se interessante para o pesquisador, para o profissional da comunicação e para a sociedade, uma vez que “existe no Brasil uma demanda não atendida por essa divulgação, amplamente comprovada [...] cerca de 70% da população urbana brasileira tem interesse em C&T” (OLIVEIRA, 2005, p. 12)

Um levantamento recente sobre a Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil, divulgado pelo então Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), também aponta para o mesmo sentido defendido, há mais de dez anos, por Oliveira (2005). O estudo, que é mais recente, mostra que 61% dos entrevistados tem interesse por Ciência e Tecnologia.⁶

Além de todos os fatores já citados, o jornalismo científico também se apresenta

⁶ De acordo com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação este índice é comparável às médias dos países que realizaram pesquisa semelhante. MCTI lança estudo sobre a percepção pública da C&T. MCTI, Brasília, jul 2015. Disponível em: < http://www.mcti.gov.br/noticia/-/asset_publisher/epbV0pr6eIS0/content/mcti-lanca-estudo-sobre-a-percepcao-publica-da-c-t> Acesso em 29 abr 2017

como importante aliado ao exercício da cidadania. Se as decisões políticas sobre grandes programas científicos e tecnológicos passam pelo Congresso Nacional, a população pode intervir, mas para isso “é preciso estar bem informado. O jornalismo científico pode entrar em cena como agente facilitador na construção de cidadania” (OLIVEIRA, 2005, p. 15)

TV Universitária do RN (TVU)

Há 13 anos, quando Andrade (2004) apresentou a sua tese de doutorado, já se tinha a certeza de que a relação do telespectador com a televisão era natural e “íntima”. A televisão é, antes de tudo, um “bem” importante para os brasileiros, tanto que o último levantamento do IBGE, em 2014, mostra que a televisão estava presente em 97,1% dos lares do país. No Rio Grande do Norte, esta porcentagem é ainda maior: 98,2% dos domicílios possuem um aparelho de TV.⁷

A história da televisão no RN começa pela TV Universitária. Até a criação da TVU, tudo o que era assistido na região tinha origem em outros estados, como Pernambuco, por exemplo. “Durante 15 anos, a TV Universitária foi a única emissora de televisão do estado, com conteúdo local.” (JUNIOR, 2014, p. 20).

Atualmente a TVU faz parte da Superintendência de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (COMUNICA). O nascimento da TVU é marcado por uma missão educacional

Em Natal, a primeira emissora de televisão chegou apenas em 1972 para fins educativos, visando a transmissão das aulas do Projeto SACI - Satélite Avançado de Comunicação Interdisciplinar, que levava o ensino básico à distância nas escolas da rede estadual de educação. Foi assim que foi criada a TV Universitária (JUNIOR, 2014)

Concordamos com Carrato (2005) quando afirma que não existe TV pública no

⁷ Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. IBGE, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: < <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=295753>> Acesso em 29 abr 2017

Brasil⁸. Portanto, no decorrer deste artigo, a referência à TVU será como consta em sua página oficial na internet: Trata-se de uma emissora educativa.

Além disso, a TV Universitária do RN compõe a ABEPEC⁹ (Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais), uma entidade brasileira de direito privado, sem fins lucrativos, reúne 21 emissoras de televisão de caráter educativo e cultural, não comercial.

Nestes sete anos de existência, a ABEPEC tem se dedicado a uma tarefa quase impossível: dar voz e vez ao segmento de emissoras que representa. Emissoras que, diga-se, possuem em comum apenas o fato de não se pautarem pela lógica das TVs comerciais (CARRATO, 2005, p. 2)

Carrato (2005, p. 08) destaca que para uma emissora educativa e cultural “o seu elo mais forte é com o telespectador, entendido como cidadão”.

Mesmo ainda não existindo um código de ética específico para essas emissoras, a experiência acumulada pela maioria delas [...] já possibilita que algumas atitudes básicas sejam adotadas por quase todas as integrantes da ABEPEC. Entre estas atitudes destacam-se: 1-) nos telejornais, a ênfase no chamado jornalismo público, voltado para a promoção e o respeito à cidadania; 2-) na programação, a prioridade ao conhecimento, à educação, cultura e lazer [...] (CARRATO, 2005)

As emissoras educativas e culturais nem sempre estão dentro das universidades. A situação da UFRN torna-se, portanto, ainda mais favorável ao diálogo com o mundo acadêmico que, na visão de Carrato (2005, p. 12) ainda é pouco conhecida, estudada e tem muito o que contribuir com as emissoras educativas e culturais.

⁸ “Por TV pública entende-se a que possui autonomia política e financeira. Vale dizer: seus dirigentes possuem mandato definido e não podem ser substituídos dependendo dos interesses do governante de plantão e a emissora conta com orçamento próprio, definido por lei. Talvez o melhor e mais conhecido exemplo de TV pública no mundo seja a inglesa BBC.” (CARRATO, 2005)

⁹ “A ABEPEC é uma entidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, e que congrega as 20 emissoras geradoras estaduais de caráter educativo, cultural, não comercial. Para efeito deste trabalho, nos reportaremos exclusivamente a estas emissoras e às suas redes regionais, quando existirem. Mais informações sobre a ABEPEC, consultar o site: www.abepc.com.br” (CARRATO, 2005)

Uma forma de contribuição significativa seria criar ou, em alguns casos, retomar, disciplinas nos cursos de Comunicação que incentivem a discussão sobre jornalismo público, publicidade e programação voltada para a cidadania. “Na situação atual, o mundo acadêmico cobra das TVs educativas e culturais a pesquisa por novos modelos de programação. Estas emissoras, sem recursos humanos e materiais, devolvem a cobrança para o mundo acadêmico e não se sai do lugar.” (CARRATO, 2005, p. 13)

O quadro Saber Ciência

O Saber Ciência é um quadro de divulgação científica da TV Universitária. Coordenado pelo jornalista e servidor da UFRN, Yuri Borges, o quadro faz parte do projeto Conexão Ciência, que tem como objetivo criar e veicular conteúdos midiáticos de divulgação científica, tendo por base a produção de conhecimento realizada na UFRN.

A equipe do quadro é composta por 15 membros, sendo 12 deles vinculados a Superintendência de Comunicação da UFRN (COMUNICA): 04 estudantes voluntários, 03 auxiliares técnicos da COMUNICA, 01 colaborador externo, 03 professores da UFRN (01 do Departamento de Comunicação Social da UFRN, 01 da Escola de Ciência e Tecnologia da UFRN E 01 do Departamento de Física teórica e experimental da UFRN); e, por fim, 04 jornalistas servidores da COMUNICA.

Além de ser um espaço para divulgação científica, o Saber Ciência tem como objetivo proporcionar aos estudantes de jornalismo “a experiência de produzir conteúdos jornalísticos dentro das rotinas e dinâmicas dos veículos de comunicação operados pela UFRN”.¹⁰

A construção das reportagens do quadro, estabelecida pelos próprios estudantes, merece um destaque. A partir da 4ª edição, o quadro passou a seguir um padrão de construção de reportagem, sempre com uma pergunta inicial feita pelo repórter ao telespectador, em uma espécie de abertura que convida o público ao mesmo tempo em que anuncia o tema a ser tratado. Como afirma Bonasio (2002), “a introdução atrai

audiência, estabelece o assunto e o estilo do programa, o corpo do programa segura e aumenta o interesse do telespectador e o encerramento deve terminar como um senso de coisa completa para o público.”

Outra observação interessante está na utilização de recursos visuais e de linguagem para aproximar o público do que está sendo dito, afinal,

Como intermediários, os redatores de ciência devem esclarecer para si mesmos, seus editores e seu público, algumas ideias e conceitos que não são tão claros mesmo para muito cientistas [...]. Portanto, o redator de ciência deve procurar o ‘significado’ para o seu público-alvo (BURKETT, 1990, p. 6-9)

Horário nobre e feedback

As reportagens foram exibidas no telejornal da TV Universitária, o TVU Notícias, e tiveram uma duração variável entre 5 e 8 minutos. Entre os meses de maio e dezembro de 2016 foram produzidas e veiculadas 15 edições do quadro, uma média de 1,25 edições por mês.

Em 2016, o telejornal foi exibido de segunda-feira a sexta-feira, com exceção de feriados, às 19h. Os quadros também foram disponibilizados na página no Facebook do telejornal e no canal do Youtube da TV Universitária.¹¹

O horário escolhido para exibição coincide com o que Andrade (2005) chama de horário nobre - das 19h às 23h.

“É no horário nobre, quando a maior parcela da população já está de volta ao lar, após as atividades produtivas do cotidiano, que as emissoras de televisão registram o seu pico de audiência. Por isso mesmo, é o espaço tradicionalmente escolhido pelas emissoras para a veiculação dos telejornais, com as principais notícias do país e do mundo naquele dia.” (ANDRADE, 2004, p. 53)

Nesse sentido, o Saber Ciência surge como uma exceção à crítica de Araújo (2007), quando afirma que o jornalismo científico no Brasil e a ciência são

tradicionalmente tratadas como segundo ou terceiro plano, em relação aos horários escolhidos para exibição.

[...] O que se nota é a existência de poucos espaços hoje nas grades de programação. Quando existem, programas como Globo Ciência são veiculados em horários que não permitem uma audiência satisfatória nem do ponto de vista quantitativo, quanto mais do qualitativo. (ARAÚJO, 2007, p. 02).

Para medir o grau de satisfação dos entrevistados com o quadro e, também visando descobrir o que eles pensam a respeito da criação e atuação deste espaço da TV Universitária, optamos por aplicar um questionário aos 16 pesquisadores entrevistados ao longo de 2016.

Escolhemos a aplicação de um questionário por entender que esta técnica apresenta uma “série de vantagens”, já elencadas por Gil (2006, p.122), com destaque para a “garantia do anonimato nas respostas” e por “não expor os entrevistados à nossa influência de opiniões.”

Ao serem questionados sobre como avaliaram “a abordagem da sua produção científica no quadro Saber Ciência”, obtivemos as seguintes respostas: Boa (42,9%), Ótima (28,6%), Excelente (14,3%) e Outros (14,3%).

Quando a pergunta foi “Como você avalia a edição da sua participação no quadro?”, as respostas se dividiram entre: Boa (57,1%), Excelente (28,6%) e Outros (14,3%).

Quando questionamos se “Outro veículo de comunicação (impresso, online, rádio, TV), no Rio Grande do Norte, entrou em contato com você para produzir algum material jornalístico sobre a mesma publicação que fizemos?”, as respostas se dividiram em: Sim (57,1%) e Não (42,9%).

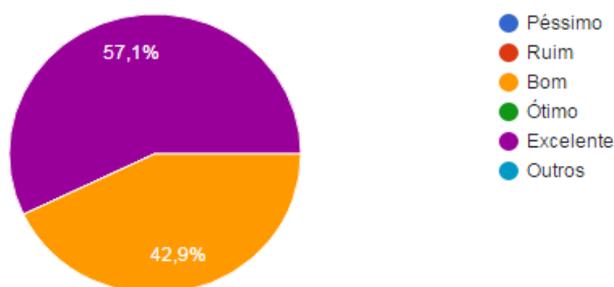
Já quando a pergunta foi: “Algum outro veículo de comunicação (impresso, online, rádio, TV), no Rio Grande do Norte, já entrou em contato com você para produzir algum material jornalístico sobre outra publicação sua?”, as respostas se dividiram entre:

Não (57,1%) e Sim (42,9%).

As três últimas perguntas do questionário faziam referência aos espaços criados para divulgação científica tanto por parte da TVU, quanto em relação aos demais veículos de comunicação, passando pelos espaços disponibilizados pelas demais emissoras de TV do RN.

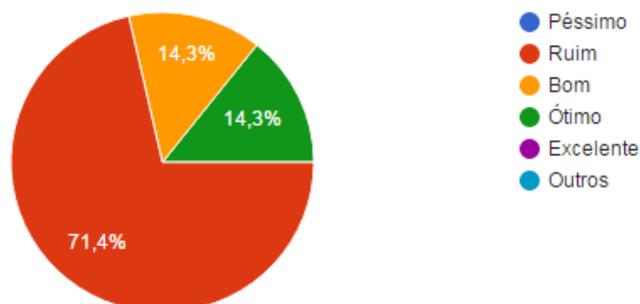
Questionamos “Como você avalia o espaço dado pela TV Universitária para divulgação das produções científicas locais?”, e obtivemos as seguintes respostas, conforme ilustra o gráfico 01: Excelente (57,1%) e Bom (42,9%).

Como você avalia o espaço dado pela TV Universitária para divulgação das produções científicas locais?



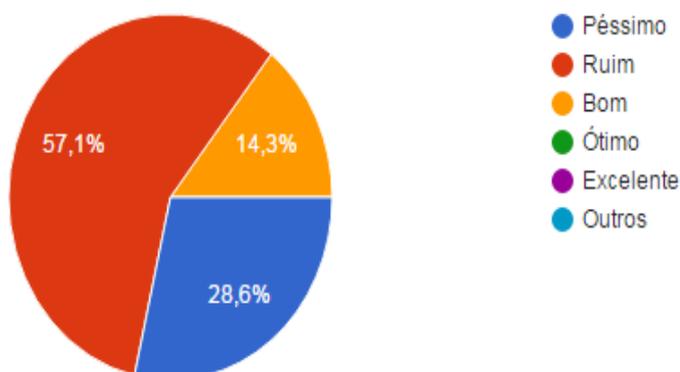
No gráfico 02, percebemos que quando a pergunta foi “Como você avalia o espaço dado pelo veículos de comunicação (impresso, online, rádio, TV) do RN para divulgação das produções científicas locais?”, as respostas se dividiram entre: Ruim (71,4%), Bom (14,3%) e Ótimo (14,3%)

Como você avalia o espaço dado pelo veículos de comunicação (impresso, online, rádio, TV) do RN para divulgação das produções científicas locais?



Por fim, questionamos “Como você avalia o espaço dado pelas emissoras de TV do RN para divulgação das produções científicas locais?”. O gráfico 03 mostra que as respostas foram as seguintes: Ruim (57,1%), Péssimo (28,6%) e Bom (14,3%)

Como você avalia o espaço dado pelas emissoras de TV do RN para divulgação das produções científicas locais?



Considerações finais

Após a aplicação do questionário, observamos que o programa Saber Ciência é um espaço diferenciado para divulgação de trabalhos e pesquisas desenvolvidas na UFRN. Mais da metade dos entrevistados avaliaram a existência do espaço como “Excelente”, ao passo em que, mais de 70% deles julgaram como “Ruim” o espaço oferecido pelo demais veículos de comunicação do RN para as divulgações científicas.

Além disso, percebemos também, através do cadastro do quadro, que a existência dele preenche uma lacuna na formação dos estudantes de jornalismo da UFRN, tão questionada por Carrato (2005).

O Saber Ciência também se mostra como um importante agente de cidadania, visto que democratiza o acesso à ciência por parte de um público não especializado.

A massiva voz as fontes estrangeiras dentro do jornalismo científico, tão criticada por Oliveira (2005) e Bueno (2009), não se faz presente no quadro. Ao contrário disso, o Saber Ciência aparece como um importante espaço de voz aos pesquisadores locais

Referências

ARAÚJO, Clenio. **Jornalismo científico qualificado**: uma das grandes oportunidades de TV publica brasileira. Observatório do direito à comunicação, São Paulo, 31 set. 2007. Disponível em: < <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/doc/490880> > Acesso em 30 abr. de 2017

ANDRADE, L. V. B.. **Iguarias na hora do jantar**: o espaço da ciência no telejornalismo diário. Rio de Janeiro: ICB/UFRJ, 2004. Disponível em: < <http://www.casadaciencia.ufrj.br/publicacoes/dissertacoes/barca.pdf> > Acesso em 25 abr de 2017

BONASIO, Valter. **Televisão**: manual de produção & direção. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2002.

BUENO, WC. Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma trajetória. In PORTO, CM., org. **Difusão e cultura científica**: alguns recortes [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 113-125. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/68/pdf/porto-9788523209124-06.pdf> > Acesso em 28 de abr. de 2017

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação.** Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990

CARRATO, Ângela. **A TV pública e seus inimigos.** V ENLEPICC Encontro Latino Americano de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura. Salvador, BA, 2005. Disponível em: < <http://www.gepicc.ufba.br/enlepigg/pdf/AngelaCarrato.pdf>>. Acesso em 27 abr. de 2017

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo, Atlas, 6 ed. 2008. Disponível em: < <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf> > Acesso em 01 abr 2017

JUNIOR, Francisco. **RNTV: A notícia no ar.** Natal, 2014

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico.** São Paulo: Contexto, 2005

PEREIRA, Maria de Lurdes Welter. Jornalismo Científico na TV: análise da divulgação de assuntos de ciência nos telejornais. **Temática.** Paraíba, v. 10, n. 12, p. 42-59, dez. 2014. Disponível em: < <http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/22135> >